



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13505 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)
 ISSN: 2447-2808
 GT12 - Currículo

CONVERSAS E RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: AQUILOMBAR CURRÍCULOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
 Rosane de Azeredo Cunha Siqueira - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CONVERSAS E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: AQUILOMBAR CURRÍCULOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Resumo: O trabalho apresenta reflexões sobre currículo e relações étnico-raciais, no qual abordamos alguns aspectos sobre a possibilidade de se pensar o termo *aquilombar currículos* na Educação Infantil.

Palavras-chave: Currículos, Educação Infantil, conversas, aquilombar

Os encontros realizados com um grupo de professores da Educação Infantil, questionam, se, quando nos deparamos com a possibilidade dialógica e as histórias de vida dos sujeitos no cotidiano, em suas redes de conversações, é possível *aquilombar currículos*, quando o assunto se refere a currículos e relações étnico-raciais. Este movimento dentro da pesquisa, ainda em andamento, tem no uso das conversas um caminho possível de reflexão sobre as relações entre currículo e relações étnico-raciais.

O ato de conversar nesta escola, no município de Niterói, nasceu da necessidade comum dos professores de realizarem trocas de suas práticas a partir de relatos dos alunos sobre racismo, e que acabaram se entrelaçando com suas próprias histórias de vida. A gravação das conversas foi autorizada para ser utilizada posteriormente. A relação entre o que

foi gravado e o presencial nos possibilitou resgatar as narrativas que se apresentaram nas conversas, unindo três percepções: o que se pôde ouvir, o que os corpos falaram e o que estava nas entrelinhas das falas.

Com Gonçalves, Rodrigues, Garcia, Ferrazo e Alves (2018), encontramos reflexões possíveis de se trazer, enquanto proposta, a conversa como uma metodologia de pesquisa. Um convite feito pelos autores que apresenta a conversa como um encontro de rostos, gestos e vozes, que não busca contratos, que vai e vem, que forma textos repletos de fragilidade, mas que instaura relações, produzindo aquilo que pensamos em fazer e sobre as ressonâncias desse fazer.

Como foi possível começar esse movimento? Dialogando com as noções de *encontros* (GARCIA, 2015), as reuniões aconteceram/acontecem uma vez por mês durante as quartas-feiras, no horário de planejamento. Este *espaçotempo* de conversa começou a fazer parte de nós para pensarmos o nosso cotidiano.

Instigadas, as professoras trouxeram para as conversas suas atividades antirracistas. Este trabalho acabou culminando em uma feira literária com exposições que contavam com narrativas, desenhos e outras produções realizadas pelas crianças.

Observamos que esse movimento de dividir ideias e produzir de forma coletiva na unidade, tem feito muitos professores pensarem o que significa trabalhar no currículo a questão étnico-racial. Para além de ter de trabalhar com a Lei 10.639/03, como uma questão obrigatória, os professores trouxeram o discurso de que trabalhar com o tema é refletir sobre a própria vida e a sociedade.

AQUILOMBAR COMO RESISTÊNCIA

Essa união (quilombo) realizada pelas professoras, que, como bem salienta Nilma Nilo Gomes (2017), nos convida a compreender a ideia de que toda luta não avança de modo isolado, mas em diálogo entre e com os sujeitos e na troca de conhecimentos que no cotidiano se apresentam, é um enriquecimento para além do próprio fazer cotidiano, um passo que transcende, indaga e critica toda produção eurocentrada.

Ao partirmos dessa possibilidade de compreensão, defendemos o argumento de que um currículo que busca um discurso com as forças que são postas nos contextos sociais, que possibilita entendimentos teóricos que aprendem com o “Outro” *sem familiarizá-lo, domesticá-lo, aculturá-lo, ou seja, [...], sem reduzi-lo a algo conhecido* (GOMES, 2017, p. 10), é uma tarefa difícil, porém, é um esforço para a quebra de distorções graves que apagam a cultura do “Outro” no contexto da educação.

Para a pesquisa, pensar o quilombo a partir da consciência para resistir é uma necessidade histórica. É um chamado a atuar no presente, restaurando o passado e crendo que o futuro é agora, a partir do que nos afeta e do que afetamos, ou seja, é perceber nos currículos as produções ordinárias (CERTEAU, 1994), sua presença (GUMBRECHT, 2010) e

a cultura que se desenha na escola como potência.

Refletindo com o termo de *que o próprio corpo negro é a alma desse país* (NASCIMENTO, 2021), esse fato nos convida para um processo de resistência. Se somos corpo na sociedade, a resistência está presente em todos os lugares, porém, a ação só fica mais forte quando nos compreendemos enquanto “Nós”. Assumir essa característica é assumir que estamos em fuga daquilo que nos aprisiona ou aprisionou durante muito tempo, o aspecto colonialista que se apresenta nos espaços. Esse forte movimento de sermos “Nós”, de produzir espaços de troca e de experiências cotidianas, de intercâmbio de ideias é o que chamamos de *aquilombar currículos*.

Pensar quilombo e currículos é um convite a uma experiência cotidiana, um movimento de conquistas, dentro de produções que nascem do Ser, que não visa a seguir um modelo, pois, afinal, ele não existe, mas visa a gerar uma nova organização para se pensar o “Outro”, as mudanças sociais sem preconceitos, a partir do reconhecimento do próprio Ser. Um modo diferenciado de ver o cotidiano a partir dos olhos do colonizado, e não do colonizador.

Aquilombar ou aquilombar-nos significa o convite para compreender que todas as vidas são valiosas e que nós fazemos parte desse corpo coletivo, somos comunidade, somos diáspora. Portanto, *aquilombar currículos* implicaria afetar e ser afetado, seria dialogar com as produções cotidianas, pensar os sujeitos *pensantespraticantes* decolonialmente, pensar o ser, o saber e o poder.

Algumas questões ainda são somente ensaios que nos embalarão em trocas potentes de formação dialógica. Partindo dessa encruzilhada, pretendemos produzir encontros: uma reunião fraterna e livre, uma comunhão existencial, um diálogo conceitual operativo que se coloca fora das maquinações cerebrais arbitrarias, pois, não é de *slogans* que esta pesquisa vem sendo desenhada, nem de produtos de importação que não conhecem o cotidiano negro de nossas escolas, mas do chamado a uma revolução teórica que exprime a vivência e a práxis de um povo afrodescendente, que, com seus intelectuais, precisa aumentar a capacidade de produzir uma coletividade negra sem cristalização de conceitos.

Todas essas inquietações nos conduzem a perceber que a palavra é força, *que gera movimento e ritmo, e, portanto, vida e ação* (HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 172), movimento que aparece como ponto de partida para a relação entre aquele que fala e aquele que escuta. Para além do movimento de novas produções cotidianas, as conversas nesta pesquisa nos possibilitam desviziabilizar práticas pluralizando ações curriculares com metodologias antirracistas.

UMA LUTA CONTRA-HEGEMÔNICA

A pergunta que fica é: *Aquilombar currículos* é possível? Neste *espaçotempo* não temos como afirmar. Nossa caminhada nos motiva a perceber que a conversa é um passo possível, a conversa desenhada em suas narrativas, docemente capturadas pelos nossos

gravadores e percepções. Tentar perceber quais movimentos podem fazer dessa escola um espaço antirracista, é um rascunho para que *aquilombar currículos* seja possível.

Pensar esse currículo vivo, significará pensar em nossas crianças negras, nos nossos professores negros, assim como todos aqueles que convivem em nossos espaços e passam pelo desenho da discriminação, ou não. Nesse ínterim, compreendemos que as conversas poderão ser um poderoso instrumento de trocas possíveis, para conhecermos as diferentes trajetórias que nos fizeram quem somos hoje para e na instituição à qual estamos ligados. Uma produção coletiva que, de forma solidária, permitirá discussões possíveis para pensar em *aquilombar currículos*, enquanto produzidos, e a questão do “Outro”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. *Criar currículo no cotidiano*. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Editora Vozes, 1994.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

GARCIA, Alexandra. *Currículo: sobre sentidos e produções cotidianas*. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo et al. (Orgs.). *Diferentes perspectivas de currículo na atualidade*. Petrópolis: DP et Alii, 2015. p. 289-304.

_____ ; RODRIGUES, Allan. *As conversas nas produções de políticas curriculares cotidianas*. Espaço do currículo, UFPB, v. 9, n. 3, set. a dez. 2016.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, Editora Vozes 2017.

GONÇALVES, Rafael Marques; GARCIA, Alexandra; RODRIGUES, Allan. *Conversas com a formação de professores, práticas e currículos: movimentos nas/das pesquisas*. Teias, EdUERJ, v. 18, n. 50, jul. a set. 2017.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de Presença – o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2010.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. *A invenção do cotidiano: a tradição viva*. In: *História geral da África: metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 1982. p. 167-212.

MÜLLER, Tania Mara Pedroso; COELHO, Wilma de Nazaré Baía; FERREIRA, Paulo Antônio Barbosa. *Relações étnico-raciais, formação de professores e currículo*. São Paulo: Editora-Livraria da Física, 2015.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância panafricana*. 3. Ed. Revisada, São Paulo: Ed. Perspectiva, p. 270-311; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra*. In: RATTI, Alex. *sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006, p. 117-125.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. (Orgs.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SPINOZA, B. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.